



# ENTRE/CLIMA

[www.correio24horas.com.br](http://www.correio24horas.com.br)



**Moysés  
Suzart**

texto  
mneto@  
red Bahia.com.br

A gosto e setembro não são os melhores meses para desafiarmos o mar da Bahia. Na última terça-feira, vídeos viralizaram mostrando a invasão da maré em Salvador, como no Yacht Clube da Bahia, que teve sua área de lazer invadida pelas ondas. Impressionou, mas está longe de ser um caso isolado. É até bem comum neste período do ano, pois a combinação da frente fria, ventos, maré e tabela lunar causa estes fenômenos vistos no clube da Ladeira da Barra.

Então, não precisa se preocupar? Também não é bem assim. Apesar de natural, está cada vez mais corriqueiro e perigoso. Inclusive, a Prefeitura de Salvador está montando uma equipe para o enfrentamento do aumento do nível do mar e busca parceria com a Agência Espacial dos Estados Unidos. Isso mesmo, a Nasa.

Na quinta-feira, a Secretaria Municipal de Sustentabilidade e Resiliência (Secis) realizou a reunião inaugural do primeiro grupo de trabalho para o enfrentamento da elevação do nível do mar, que junta especialistas que buscam diminuir os efeitos da invasão da maré na capital.

A ideia é pecar pela prevenção, buscando medidas paliativas de enfrentamento do fenômeno que era comum, mas está mais frequente por causa da mudança climática. O grupo será formado por especialistas de diferentes áreas e instituições, como Inema, Ufba, Rede C40 - que reúne diversas cidades pelo mundo que lutam contra as mudanças climáticas. Além da Nasa, claro.

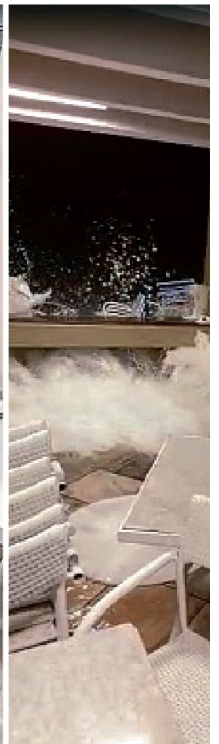
"Estamos buscando uma cooperação técnica da Nasa. O Iclei está fazendo este link para que possamos ter a visualização da localidade de forma mais precisa. Será um suporte técnico muito importante. Já existe esta cooperação entre a Nasa e o Rio de Janeiro e agora queremos trazê-los para Salvador", explica a secretária Marcelle Moraes, titular da Secis, órgão que está à frente do projeto. Iclei é uma organização sem fins lucrativos que reúne mais de 2.500 governos locais e regionais, comprometida com o desenvolvimento urbano sustentável. A ideia é ter uma resposta da Nasa já na próxima reunião, ainda sem data marcada.

A Nasa faz um trabalho parecido no Rio de Janeiro. A agência monitora o clima da cidade, antecipando eventos climáticos extremos e, com isso, dando a possibilidade de um poder de resposta mais eficaz. Também foram definidos na reunião quem participaria do grupo, as diretrizes e as zonas de risco que precisavam de mais atenção.

O grupo de trabalho, após consultar estudos, dividiu as áreas mais impactadas de Sal-

•• Não é algo fora do comum o que ocorreu no Yacht. Mas, por conta destas previsões de mudanças climáticas e subida do nível do mar até o final do século, este fenômeno vai ficar cada vez mais frequente

José Maria Landim  
Professor da Ufba e doutor em Geologia Marinha



## Fenômeno natural, mas nem tanto assim

### Prefeitura busca parceria com a Nasa para se antecipar a eventos como a invasão da maré no Yacht esta semana

vador em quatro territórios: Ilha dos Frades e a Ilha de Maré em sua totalidade; a região de Paripe, no Subúrbio Ferroviário; uma faixa que se estende da Península de Itapagipe até o Comércio; além de uma sequência de manchas descontínuas ao longo da costa atlântica, que vão do Porto da Barra até a fronteira nordeste do município, nas proximidades de Stella Maris. Pare e pense: Salvador corre risco em todos os lados.

Apesar do alerta, não é hora de pânico. É possível ainda acontecer invasões da maré até o final de setembro, como todo ano. Porém, com mais

frequência. Procuramos o Yacht Clube da Bahia para comentar sobre a frequência dos fenômenos no local, mas não houve retorno até o fechamento da edição. Contudo, especialistas pedem cautela sobre a invasão do mar.

"Não é algo fora do comum o que aconteceu no Yacht. Acontece praticamente todo ano, até setembro. Mas, por conta destas previsões de mudanças climáticas e subida do nível do mar até o final do século, este fenômeno vai ficar cada vez mais frequente. A tendência é se agravar justamente em função das mudanças climáticas. O que ocorria

uma ou duas vezes ao ano, vai acabar acontecendo mais vezes", avisa o professor da Universidade Federal da Bahia (Ufba), José Maria Landim, doutor em Geologia Marinha.

Ou seja: a cada ano, o que só acontecia em um ponto da cidade, pode ocorrer em outras áreas costeiras, com mais frequência.

#### MARÉ ALTA

Para que ocorram os casos mais graves que deixam alguns rastros de destruição, como erosões costeiras, naufrágios e situações inusitadas como a do Yacht Clube, é preciso uma convergência perfeita

Durante a semana, a maré invadiu com força a área do Yacht Clube da Bahia, localizado à beira-mar, na Ladeira da Barra



FOTOS: REPRODUÇÃO

ta da natureza, exatamente o que ocorreu nesta semana. Salvador estava na chamada maré-grande de Szigia, quando a tábua da maré é diretamente influenciada pela lua cheia, subindo o nível das águas. Juntou-se isso à chegada de uma tempestade que aumentou ainda mais o tamanho das ondas e do mar.

"Frentes frias, tempestades e furacões têm o potencial de aumentar o tamanho das ondas, mas esse efeito muda a depender do momento em que está a maré. Se uma tempestade encontra a costa num momento em que a maré está baixa, o nível do mar vai estar baixo o suficiente para compensar o efeito do aumento da onda causado pela tempestade. Por outro lado, se a maré estiver alta, ela vai convergir com a elevação das ondas causadas pelas tempestades e gerar ondas "gigantes", detalha a oceanógrafa e mestre em Ecologia pela Ufba Alice Reis.

Para Alice, de fato o caso presenciado no Yacht não é algo anormal, mas não deixa de ser um alerta. "Não enxergo essa invasão [do mar] como algo anômalo ainda. Porém, Salvador é muito vulnerável a qualquer subida no nível do mar, com certeza. Ela é banhada pelo Oceano Atlântico e pela Baía de Todos os Santos, tem a orla totalmente ocupada, rios (que são caminhos naturais das águas) canalizados, além do histórico de grande volume de chuva caindo num curto intervalo de tempo. Nós, da ciência, às vezes nos sentimos os relatores do fim do mundo, mas preocupa, sim".

Imagine todo este cenário com o aumento do nível do mar, que é uma realidade. Seguindo o serviço de monitoramento do meio marinho do Programa Copernicus (o programa europeu de observação da Terra), o mar cresce numa média de 3,1 milímetros todo ano. Se continuar neste ritmo acelerado, a estimativa é que o nível do mar em Salvador cresça 50 cm até 2100 caso a temperatura no planeta aumente 1,5°C nos próximos anos. Achou pouco? Esta elevação seria suficiente para deixar alguns pontos turísticos da capital debaixo d'água, como Porto da Barra, Gamboa de Baixo e Ribeira. A Ilha dos Frades sumiria do mapa.

Esta projeção foi peça de exposição em junho, no evento Salvador 2100, com base em dados da agência Climate Central, em parceria da Câmara de Vereadores, Fundação Konrad Adenauer, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), entre outras instituições.

Na exposição, o público viu fotos de como será a cidade com o nível da maré elevado. Nas imagens, era possível ver praias como a do Porto cobertas pela água. Não é nenhum absurdo. Em 2021, neste mesmo período atual, o mar tomou toda a faixa de areia da Praia do Buracão, no Rio Vermelho.

"É uma mutação climática e eventos como vimos no Yacht Clube são um aviso de alerta, um sinal que estamos recebendo [da natureza] do que está vindo por aí. A tendência é que essas ressacas e eventos climáticos se tornem mais críticos, mais agudos e piores

com o passar do tempo. A mudança no clima está potencializando estes fenômenos. É preciso adaptar a cidade para esta mudança que está acontecendo. A prefeitura está fazendo uma série de medidas importantes neste sentido", diz o vereador André Fraga (PV), engenheiro ambiental e presidente da Comissão Especial de Emergência Climática e Inovação da Câmara de Salvador. Ele foi um dos organizadores do Salvador 2100.

Em 2008, o geólogo e pesquisador da Ufba Abílio Bittencourt publicou um artigo científico sobre a invasão do mar em Salvador e suas consequências, como erosões costeiras. Ele fez um apanhado de fenômenos que ocorreram entre 1990 e 2006. Curiosamente, naquela época as ressacas ocorriam também com mais frequência no período entre agosto e setembro.

Contudo, alguns detalhes chamam atenção. Até setembro de 2006, os fenômenos tinham ondas que não ultrapassavam os 2,5 metros de altura. No evento da última terça-feira, a Marinha registrou ondas que chegaram a 3,5 metros. Somente no mês de agosto, a travessia Salvador/Mar Grande teve o serviço suspenso no total de 9 dias, todos por causa do mau tempo e da maré alta acima da média.

Salvador também tem outra peculiaridade. Todo o terreno situado do Mercado Modelo até as imediações da Feira de São Joaquim, na Cidade Baixa, era mar que acabou aterrado com o crescimento da cidade. "Aquele região não tinha muito espaço para ocupar. Ao longo do século 17, é possível ver um avanço dos aterros sobre o mar, que acabou ampliado nos séculos seguintes. No século 19, o aterro estava no que é hoje o fundo da Associação Comercial da Bahia, no Comércio. Imagine nos anos seguintes o quanto avançou", lembra o historiador Pablo Magalhães, professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia (Ufob).

Para se ter uma ideia, antes do início do aterramento, o mar batia no paredão que hoje tem o Elevador Lacerda.

Especialistas não apontam o aterro como consequência, pois não há estudos sobre a relação. Contudo, é possível frear estas ondas com algumas atitudes diárias. "É preciso diminuir o consumo de tudo que tenha como fonte de energia gases de efeito estufa, como o consumo global de carne, diminuir o desmatamento e promover o reflorestamento, entre outras medidas. Uma coisa que é pouco comentada é a necessidade de manutenção da vegetação costeira como a de restinga e manguezais, inclusive nas cidades. Essas vegetações atenuam a força das ondas e protegem a costa", completa a oceanógrafa Alice Reis.

## CRÔNICAS POR KATIA BORGES



✉ katiamacces@gmail.com

### Lições de empinar papagaio

NÃO EXISTIA RUA EM QUE NÃO SE AVISTASSE GAROTOS DE SHORT QUASE CAINDO, MANEJANDO UMA CARRETILHA COM A CARA PARA CIMA. "VEM PRO X", INSINUAVA O QUE QUERIA AFRONTA.

Já parou para pensar no seu maior medo? Há quem se acomode bem no centro, sem carregar coragem para dar um giro, um passo ao menos. E há quem dance em volta do abismo sem espiar lá dentro. Vai que o abismo olha de volta? Ser corajoso é puro molde de ajustar uma pipa ao vento.

Que com o cerol se tempera o barbante, dessas pequeninas saliências que laceram a palma da mão e as pontas dos dedos. Trilha invisível de morte nos fios temperados atravessando a cidade. Sangue acolá no "relo", a arte de bambolear e de cortar. Cola, vidro moído, limalha de ferro.

É só dar a corda do jeito certo e o bicho colorido sobe ao céu, solto no mundo. No Nordeste da infância se dizia, da pipa, ser papagaio ou arraia. Enfatizada e quadrada, feita de papel fino de seda, com varetas de bambu cruzadas ou pauzinhos de picolé, com que também se improvisava o estico.

Daí era só montar uma rabiola bembonita, feita de plástico cortado ou de fita, que era para a cauda ganhar equilíbrio. Menina não podia empinar, só escondido de todos. Pensar que um general chinês foi o primeiro a fazer folha avoar. Estratégia de guerra que inspirou contemplação e combate.

Deu de andar da China até a Europa, essa arte, e veio se aboletar nas mãos dos meninos do Nordeste, primeiro no Ceará. Na Bahia, não existia rua em que não se avistasse garotos de short quase caindo, manejando uma carretilha com a cara para cima. Pura concentração, domínio de manobras.

"Vem pro X", insinuava o que queria afronta. Do medo não se escapa, querido empinador de arraia. Nem brincando. Ninguém vai tranqüilo e sem aperto ao istmo. Pega esse seu medo e solta a mão, até que ganhe altura e leveza suficientes para ser possível manejar. "Desbica" o medo no ar.

Ou então, péis pregados no chão, oferece o seu medo a algum passante empedernido, que o guarde no alforje pra viagem. Porque tudo é possibilidade, antes da travessia do Estíge. Deixa que o ensine, essa brincadeira de controlar os "piparotes", mantendo a sua cabeça erguida sempre.

KÁTIA BORGES É ESCRITORA E JORNALISTA